

A TRILOGIA VIDA-MORTE-DEUS EM RAUL BRANDÃO

«Os maiores dramas passam-se porém no silêncio»
(*Húmus*)

«A pedra espera ainda dar flor»
(*Húmus*)

O tema do mal tem sido matéria de reflexão quer no pensamento filosófico em geral, quer no pensamento português¹. No entanto, Raul Brandão não o tematiza como o problema do mal, mas apresenta-o na forma da dor e sobretudo do sofrimento como vivência de ordem física, psíquica e moral. Na linha de Adorno², Raul Brandão está consciente que o pensamento que ignora o sofrimento apenas o prolonga.

É o sábio que orienta o caminho. Ele tem alguma capacidade de fazer a sua catarse, quer perscrutando os veios da condição humana, quer evitando os excessos. Aos humildes, aos sofredores no silêncio - «os maiores dramas passam-se porém no silêncio»³, afirma - não lhes cabe, porque não sabem, fazer a sua própria catarse⁴. Nem tão pouco a sua voz é audível, se para tal isso fosse necessário. Então, Raul Brandão coloca-se como o intérprete dessa camada, como o vedor dessas "águas subterrâneas", como o porta-voz dessas vagas manietadas, fazendo convergir em si todo o sofrimento e todos os sonhos, que esses outros não podem dizer: «Só a dor existe, só a dor cega e sem boca para gritar, que neste mundo extraordinário se estorce - a dor incógnita. [...] É uma coisa imensa, cujos gritos ninguém ouve. É a dor feita de todos os sacrifícios, de todas as dores desconhecidas e caladas...»⁵ Se pudéssemos classificar o pensamento brandoniano, classificá-lo-íamos como o *trasladador do inefável do sofrimento*.

Num primeiro momento o seu eco do sofrimento restringe-se ao mundo dos humildes, em quem encontra uma grandeza e uma nobreza ímpares. Como os pescadores, os agricultores, o pobre de pedir, o palhaço, as mulheres⁶, que têm

¹ Cf. António Braz Teixeira, «O mal na filosofia portuguesa dos séculos XIX e XX», in *Id.*, *Deus, o Mal e a Saudade. Estudos sobre o Pensamento Português e Luso-Brasileiro Contemporâneo*, Fundação Lusíada, Lisboa, 1993, pp. 61-78. Sampaio Bruno e Basílio Teles são dois dos modernos pensadores portugueses que longamente reflectiram sobre o mal.

² Cf. C. Th. W. Adorno, *Minima Moralia. Réflexions sur la vie mutilée*, Payot, Paris, 1991.

³ Raul Brandão, *Húmus*, «Renascença Portuguesa», Porto, 1917, p. 71. A edição que utilizamos é a primeira. A segunda edição, de 1921, publicada ainda em vida do autor, apresenta significativas modificações - Cf. as explicações de José Manuel de Vasconcelos na introdução (p. 16) à edição recente de *Húmus*, Vega, Lisboa, 1986.

⁴ A personagem Santa Eponina, apesar da sua condição, «Não sabia nada do mundo nem da desgraça, não sabia nada da dor e só cismava na dor!» - Raul Brandão, *A Morte do Palhaço e o Mistério da Árvore*, «Seara Nova», Lisboa, 1926, p. 276.

⁵ *Id.*, p. 270.

⁶ É notável e brilhante o texto dedicado à condição da mulher, certamente à mulher portuguesa do início do século XX. Não é comum este tipo de leitura, por parte dos nossos escritores,

expressão nas obras *História dum Palhaço*(1896), *Os Pobres*(1906), *Húmus*(1917), *Os Pescadores*(1923), *As Ilhas Desconhecidas*(1926), *O Pobre de Pedir*(1931), entre outras. E se toda a sua obra está marcada pelo multiforme, pelo paradoxo e, eventualmente, pelo contraditório, é em *Húmus* que se concentra toda a trama do tudo e em «que - como anota Vergílio Ferreira - o mistério se encara de frente para todas as consequências, que se decide uma problemática metafísica (da qual a religião é uma expressão segunda)[...]»⁷ O alcance desta obra é tanto maior quanto, mais do que em qualquer outra, aí «a problemática do "tempo" é tão aguda. É que o tempo, a "cronologia", é a forma tradicional de ordenar a narrativa. Face aos quadros da ficção, que recusa, Raul Brandão perturba e anula a ordenação cronológica. Em *Húmus* não há tempo. É à luz da eternidade que a vida aí se revela e a eternidade é imóvel.»⁸ E, na aresta de dois abismos: a vida e a morte, o jogo - o «jogo da bisca», como ele refere - entretém a luta/tensão na qual e pela qual a vida se sucede. Entre a vida e a morte «só a ninharia consegue deitar raízes profundas»⁹, o «homem só vive de detalhes»¹⁰ e, mesmo, «na solidão, a primeira coisa que procuro é a ninharia para esquecer a morte.»¹¹

Vida e morte são, pois, dois pólos inseparáveis da mesma realidade. Mas é da morte que irradia o sentido para a vida:

«Nosso destino é a morte. Só assim posso explicar o universo, só assim posso compreender o universo.»¹²

«[...]a morte regula a vida. Está sempre ao nosso lado, exerce uma influência oculta em todas as nossas acções. Entranha-se de tal maneira na existência, que é metade do nosso ser.»¹³

A morte é o espectro, mais que um fantasma, é a companhia perene: «estou só e a morte»¹⁴; «um dia - uma semana - um século - e só o pêndulo invisível vai e vem com a mesma regularidade implacável - p'ra morte! p'ra morte! p'ra morte!»¹⁵ É a morte que «faz estremecer o mundo até à raiz.»¹⁶ E embora a morte lhe apareça como «absurda» e «estúpida», sobretudo pela razão de a não compreender, reconhece que é precisamente «o que está vivo», o que «está mais vivo»¹⁷, sendo mesmo «os mortos que empurram os vivos.»¹⁸ Tu, Morte, - invoca ele -, «és a vida maior [...]. De ti me vem a vida. [...] És o único mistério que me interessa. [...] Só tu resolves e explicas. Só tu acalmas.»¹⁹

sobre a situação da mulher em Portugal até meados do século XX. É um verdadeiro hino à mulher "heroína" - Cf. *Húmus*, pp. 287-288.

⁷ Vergílio Ferreira, «No Limiar de um Mundo, Raul Brandão», in *O Tempo e o Modo*, Lisboa, 54/55(1967), p. 712.

⁸ *Ib.*, p. 727.

⁹ *Húmus*, p. 25.

¹⁰ *Ib.*, p. 27.

¹¹ *Ib.*, p. 46.

¹² *Ib.*, p. 112.

¹³ *Ib.*, p. 58.

¹⁴ *Ib.*, p. 24.

¹⁵ *Ib.*, pp. 20-21.

¹⁶ *Ib.*, p. 306.

¹⁷ *Ib.*, p. 42.

¹⁸ *Ib.*, p. 132.

¹⁹ *Ib.*, p. 296.

E o que é a vida? Algo que só antinomicamente sabemos. Ela é «fictícia», mas é a única que podemos suportar como peixes num aquário. «O universo é uma vibração. A vida é uma vibração na vibração.»²⁰ Qual a causa dessa vibração não se interroga Raul Brandão. Embora, em posição antípoda à de Henri Bergson, para quem o impulso ou *élan* vital é uma exigência da criação, o nosso pensador afirma que «Nunca o acaso pariu nada tão monstruoso e tão grotesco como isto a que se chama vida.»²¹ A vida, traduzida nesta bela imagem tríade, «é tecida como o linho: um fio de dor, um fio de ternura. Eu intrometo-lhe sempre um fio de sonho.»²² E assim se lhe apresenta o quadro do âmago da condição humana: entranhada na binomia vida-morte, desvela a dimensão do sofrimento e do sonho.

Embora Raul Brandão se assuma como ser que sofre, dada a amplidão e profundidade do sofrimento, ele, tal o poeta definido por Pessoa, é necessariamente um fingidor: «Talvez eu seja um ser complexo, talvez os outros sejam tão complexos como eu. Tudo me faz sofrer - mas metade do meu sofrimento é representado. Tenho, é certas dúvidas - mas metade das minhas dúvidas são postizas.»²³ Igualmente Raul Brandão, quando afirma: «Há em mim várias figuras»²⁴, se encontra inserido na idiosincrasia portuguesa, na linha de Fernando Pessoa ou de Agostinho da Silva, para quem, em ambos os casos, o português são vários e são tudo.

Se a morte é o elemento mais forte, a vida tem a marca da ternura e o mundo o estigma da dor e do sofrimento. É interessante a sua distinção entre a vida e o mundo: «O mundo é feito de dor - a vida é feita de ternura.»²⁵ É a ternura que lhe permite passar do "grotesco" para a simpatia maravilhada pelos pescadores, espelhada na obra homónima *Os Pescadores*²⁶. A ternura e o sonho são o bálsamo apaziguador na condição humana: «Siga a vida seu curso esplêndido. Sabe a sonho e a ferro. É ternura, desgraça e desespero»²⁷, «o sonho vale a vida»²⁸. Mas, «o sonho é um - a realidade é outra: a realidade é uma figura só dor»²⁹, conclui numa análise de contornos freudianos³⁰. Só o sonho nos permite ultrapassar a consciência da nossa finitude e dependência e criar, em grandeza infinita, o mundo dos possíveis: «A vida é muito maior pelo sonho do que pela realidade. Pelo que suspeitamos do que pelo que conhecemos.»³¹ O sonho não é fantasia, fabulação, devaneio, é, sim,

²⁰ *Ib.*, p. 295.

²¹ *Ib.*, p. 70.

²² *Ib.*, p. 80.

²³ *Ib.*, p. 84.

²⁴ *Ib.*

²⁵ *Ib.*, p. 289.

²⁶ Cf. Vergílio Ferreira, *Art. cit.*, p. 707.

²⁷ *Húmus*, p. 297.

²⁸ *Ib.*, p. 79.

²⁹ *Ib.*, p. 148.

³⁰ Aliás, em vários passos da sua reflexão, Raul Brandão aproxima-se dos esquemas freudianos do psiquismo como quando, por exemplo, remete para uma dimensão equivalente ao super-ego, como o centro donde irradia a repressão que o impede de gozar o momento único que se lhe apresenta (Cf. *Ib.*, pp. 91-92). Ou quando sente a existência a pulsar entre o princípio da realidade e o princípio do prazer (Cf. *Ib.*, pp. 148 e 271). Quanto ao sonho, enquanto em Freud ele é o sonho do sono e serve para resolver recalcamientos, em Raul Brandão trata-se de um sonho acordado. Na obra de Raul Brandão não há noite.

³¹ *Ib.*, p. 162. Atendendo às condições da existência, o sonho apresenta-se-lhe como uma necessidade, como esclarece na *Morte do Palhaço*: «A verdade amarga e única é esta: é que na vida é preciso sonhar, para não se morrer transido, tantos são os pontapés que a gente leva na alma e noutra parte» (p. 52); o próprio K. Maurício - talvez a melhor auto projecção de Raul

«reminiscência»³², afirma Raul Brandão em linha platónica. Mas o amor é de outra dimensão, que o sonho não alcança. Só pelo amor se poderá verdadeiramente actualizar essa reminiscência, como diz em tom rilkeano:

«A única coisa boa da vida é o amor.»³³

«Pelo amor conhece-se tudo, até o que os sábios ignoram.»³⁴

«Amar uma linda mulher ou amar uma ideia, amar seja o que for a valer na vida, é um bordão a que nos apegamos e que nos ajuda a caminhar até à velhice.»³⁵

Se a essência da vida é a ternura, aquilo que define substantivamente o mundo é o sofrimento e a dor. Ou melhor, padecendo também do "mal du siècle", é assim que a sua consciência o vê. Raul Brandão apreende a modernidade pelo seu lado negro. Utilizando momentaneamente a cronologia, chega à conclusão que o «futuro há-de dividir a história em três períodos : -o dos senhores; -o da Igreja que manteve os desgraçados na subordinação, prometendo-lhes o reino dos céus; -o dos escravos...»³⁶ O período presente, o dos escravos, é uma era em que o amor, embora essencial, de tão limitado no tempo, quase se perde por entre os restos, o acessório: «O amor é um único minuto. Um minuto esplêndido. O resto é hábito, palavras, hesitações, trampolinice, livros de capa amarela...»³⁷

Caracterizando ainda o denominado período dos escravos, na linha da transmutação das categorias existenciais do seu amigo Sampaio Bruno³⁸, Raul Brandão viu chegado o tempo em que o erro, o mal, a traição, o roubo, é que são apresentados como positivos. Nesse sentido, de um modo aforístico, em capítulo que intitulou de «Novas Máximas», anota, entre outras considerações:

- «a bondade é um sentimento falso e o mais artificial de todos os sentimentos»

- «o mal é uma prova de saúde»

- a amizade «era o meu interesse ou o teu interesse»

Brandão, misto de "filósofo" e de "louco" - sentia a necessidade do sonho: «Fechou-se por dentro para sonhar - isolou-se para sonhar» (p. 14).

³² *Húmus*, p. 173.

³³ *A Morte do Palhaço*, p. 115.

³⁴ *Os Pobres*, Empresa da História de Portugal, Lisboa, 1906, p. 164.

³⁵ *A Morte do Palhaço*, p. 117.

³⁶ *Húmus*, p. 223.

³⁷ *Ib.*

³⁸ Sobre a amizade e admiração por Sampaio Bruno, vejam-se as notas que Raul Brandão lhe dedicou nas *Memórias*, vol. II, 2ª ed., Bertrand, Lisboa, 1925, pp. 227-228, e em *Vale de Josafat. Memórias*, vol. III, «Seara Nova», Lisboa, 1933, pp. 261-263. No vol. II (p. 227), diz de Bruno que «nunca fez cálculos na vida» e que foi um «homem extraordinário que sabia tudo e que conhecia tudo - que valia uma biblioteca.»

Estamos em plena consonância com Álvaro Manuel Machado, quando refere que Bruno foi o «seu *maître à penser* no período de formação intelectual do escritor» - Álvaro Manuel Machado, *Raul Brandão entre o Romantismo e o Modernismo*, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Lisboa, 1984, p. 28.

- «assistir à ruína dos nossos amigos é talvez melhor do que assistir à ruína dos nossos inimigos»
- «o adultério é uma questão de teatro»
- «a mulher honesta só tem deveres a cumprir»
- «roubar já não se chama roubar»
- «conserva as aparências»
- a «grande missão» do «corpo médico» «consiste em matar, em suprimir os sífilíticos, os paranóicos, os tuberculosos, todos os que constituem um perigo para a humanidade futura»³⁹.

A sua leitura da modernidade e a sua visão prospectiva não se ficam por aqui. Tinha consciência que os tempos mudaram. Algo de fundamental havia findado. A existência tomara outro rumo:

«A vida modifica-se noutro sentido. Acabou a piedade que provinha de nos sentirmos transitórios e o egoísmo redobra. Os ouvidos cerraram-se de todo à desgraça. A base da existência é um cálculo. As manias engrandeceram. Acabou o amor, e a mulher é um mero animal de presa. O drama do trapo assume proporções de tragédia. Sobre as tábuas e os muros só se lêem cartazes de unguentos, pílulas, remédios secretos ou máquinas de escrever. Todas as florestas se converteram enfim em papéis, jornais, *Séculos*; todas as aves do céu em chapéus de mulher.»⁴⁰

Agora é o dinheiro que domina. Tudo tem um preço. Até os valores mais nobres são posto no mercado: «Dinheiro! - esta palavra faz vibrar os mais moles: gadanhos convulsos estendem-se ávidos, os olhares ferem como lâminas... Para que andamos a mentir uns aos outros, quando nos sentimos todos, aos trinta anos, capazes de sacrificar um irmão ao interesse?...»⁴¹

São tempos em que «A verdade é a dissolução e a morte, [...]; a mentira é a vida.»⁴² As cidades vêem-se como aglomerados donde irradia a patologia do estilo desse mundo "novo", da «civilização», marcada pelo divórcio do telúrico⁴³. A cidade moderna, para Raul Brandão, encarna e espelha o que de pior constitui o espírito da modernidade:

«A cidade é odiosa. Por toda a parte hotéis, palácios, entulho, chalets, casernas, avenidas novas. [...] Por toda a parte tine o oiro, jorra a luz dos

³⁹ *Húmus*, pp. 219 a 223.

⁴⁰ *Ib.*, p. 224.

⁴¹ *A Morte do Palhaço*, p. 29.

⁴² *Húmus*, p. 250.

⁴³ A este propósito, sugere Eduardo Lourenço que «Seria interessante mesmo averiguar até que ponto obras tão diversas como as de um Raul Brandão, de um Aquilino e mais tarde de um Torga não recebem uma certa claridade quando se vêem como reacção contra esse "civilizado" homem [...]» - *O Labirinto da Saudade. Psicanálise Mítica do Destino Português*, 2ª ed., Dom Quixote, Lisboa, 1982, p. 197.

reflectores [...]. Por toda a parte teatros, palácios monumentais, avenidas de cartão e pasta, monumentos de cimento e ripas, cenário, lixo e afronta.»⁴⁴

E por entre a imponência das estruturas, tanto os doentes e exaustos como os rejuvenescidos não param de gritar: «-a vida! a vida! a vida! -o gozo! o gozo! o gozo!»⁴⁵ Parece o clamor dos desardados, e se, apesar de tudo, uns e outros sorriem, o seu conjunto não é mais que uma aglomeração de pequenas ilhas, onde algo de mais profundo dá o tom: «E, nesta alegria, uma *solidão* profunda.»⁴⁶

Estamos em presença de uma leitura desencantada, mas realista, dos tempos modernos, quando os homens nunca viveram tão juntos, mas jamais se sentiram tão isolados, tão separados, tão sós. Estamos perante um diagnóstico penetrante do individualismo que define a era hodierna, em que Raul Brandão, consciente do devir e sondando o porvir, se entrega à escrita como uma forma de resistência. É uma das formas de defesa, e de busca de alguma harmonia, para um espírito que já ausculta, mas sobretudo prognostica, um mundo marcado pela dissolução dos costumes e onde imperará o mal sem freio:

«Vamos entrar noutra vida, noutra vida enfim, sem Deus, sem fé, sem regras que o instinto nos impõe [...], e talvez seja esta a tranqüibernia porque suspiramos sempre. Eis-nos na suprema beatitude, homens e bichos ao mesmo tempo, sem hesitações nem dúvidas, e podendo realizar todo o mal de que somos capazes.»⁴⁷

Será, enfim, um mundo onde o eros se sobrepõe ao logos, pois, se sabemos - como ele afirma - que «não só os sentimentos criam palavras, também as palavras criam sentimentos», e que «as palavras formam uma arquitectura de ferro. São a vida e quase toda a nossa vida [...]. É com palavras que construímos o mundo», então interroga-se: «Mas agora que os valores mudaram, de que nos servem estas palavras?»⁴⁸ Afinal, podemos inferir, a palavra ou razão perdeu a sua função, passou de *palavra dada* a *palavra dita*, ficando a primazia dos «gritos em frente de gritos, instintos em frente de instintos. Fica a morte à solta e o instinto à solta.»⁴⁹

Que resta então? Não haverá saída, tudo convergindo para o absurdo como na filosofia existencialista de J.-P. Sartre? O pensamento de Raul Brandão não vai nesse sentido. O homem tem um destino⁵⁰. O homem e a própria natureza têm um sonho que não poderá ser frustrado. Numa posição ainda próxima da de Sampaio

⁴⁴ *Húmus*, pp. 269-270.

⁴⁵ *Ib.*, p. 270.

⁴⁶ *Ib.* O itálico é nosso.

⁴⁷ *Ib.*, p. 238.

⁴⁸ *Ib.*, pp. 170-171.

⁴⁹ *Ib.*, p. 171.

⁵⁰ O próprio sofrimento faz parte, e tem a sua função, nesse destino. O sofrimento pode ser aliviado, mas fazendo parte da condição humana, como faz, não há que lhe fugir: «A vida endurece e aí daqueles que persistem em perseguir a quimera, sem quererem ver as duras pedras do caminho», diz em *Morte do Palhaço*, p. 22. Raul Brandão faz mesmo a pedagogia do sofrimento. O cadinho do sofrimento humaniza, como refere a propósito do final da vida do seu amigo José Maria de Alpoim: «O sofrimento fez desaparecer muitos dos seus defeitos e acabou por lhe dar os últimos retoques» - *Vale de Josafat*, p. 206.

Bruno, tudo se lhe apresenta à espera de redenção⁵¹. O homem não é o único ser nessa expectativa. Em linha de pensamento adjacente à eventualmente defendida por Guerra Junqueiro na «Unidade do Ser»⁵², Raul Brandão acha-se inserido num todo: «Faço parte duma coisa dolorosa, que totalmente desconheço, e que tem nervos ligados aos meus nervos, dor ligada à minha dor, consciência ligada à minha consciência.»⁵³ Em 21 de Março, início da Primavera, escreve que a «primavera eterna» é «a mais bela, a mais fecunda, a mais doirada de todas as primaveras. Vai revolver a terra e cobrir os seres e as coisas de flores por camadas ininterruptas e sucessivas [...]. Já as florestas putrefactas se puseram a caminho.»⁵⁴ E aqui não há diferenciações, a redenção tudo abrange igualmente:

«É aqui que corre e escorre o verde, o roxo e o lilás - os tons violentos e os tons apagados. Até as árvores são sonhos. Atravessaram o inverno com sonho contido, com o sonho humilde com que carregam há séculos. E até esses sonhos se transformaram em realidade. Realiza-se enfim o milagre: as árvores chegam ao céu.»⁵⁵

Mais uma vez entrevemos a visão de Raul Brandão pautada pelo pensamento de Sampaio Bruno (em contraposição ao de E. de Hartmann) assim como com a ideia de Teilhard de Chardin, que tudo converge para Deus: «Não, o fim lógico da vida não é morrer, é viver sempre, é ascender sempre. Até onde? Até Deus.»⁵⁶; tudo «ascende em espiral até Deus.»⁵⁷ Essa ascensão está configurada na alma, na alma do mundo: «Essa alma, essa alma disforme, que vai de mundo a mundo, e que em cada ser realiza uma primavera é que é tudo. O resto insignificância. É ela que nos devora e faz da morte a vida e da vida a morte...»⁵⁸ Nesse processo ascensional, o sofrimento, o grito de dor, concorrem para a redenção, são passadas na caminhada para Deus: «A alma que vai desesperada à procura de Deus, que erra no universo, ensanguentada e dorida, a cada grito se aproxima de Deus. Lá vamos todos a Deus, os vivos e os mortos.»⁵⁹

É que, afinal, a questão fundamental, que subjaz a tudo - a vida e a morte, a dor e o sofrimento, os êxitos e os fracassos, as alegrias e as tristezas -, é a interrogação, de tipo kierkegaardiano, sobre a existência ou não existência de Deus: «A questão suprema é esta: Deus existe ou não existe.»⁶⁰ Se não há Deus, então «a vida, produto do acaso, é uma mistificação. Aproveitemo-la para satisfazer instintos e paixões», ou seja, «Se Deus existe, eu sou um homem, - se Deus não existe eu sou

⁵¹ Em Bruno o fim do homem é não só libertar-se a si mesmo, mas também contribuir para a libertação de toda a Natureza - Cf. Sampaio Bruno, *A Ideia de Deus*, Livraria Chardron, Porto, 1902, pp. 465 e ss.

⁵² Dizemos eventualmente, pois desse ensaio de Guerra Junqueiro, que continua inédito, só há conhecimento de algumas das suas ideias.

⁵³ *Húmus*, p. 294. O próprio entendimento que Raul Brandão tem da vida está muito próximo da orientação das reflexões de Sampaio Bruno quando, referindo-se à evolução, alude à passagem do homogéneo ao heterogéneo: «É que a vida não és tu nem eu, a vida é uma massa confusa e heterogénea [...]» - *A Ideia de Deus*, op. cit., pp. 302-303.

⁵⁴ *Ib.*, pp. 134-135.

⁵⁵ *Ib.*

⁵⁶ *Ib.*, p. 52.

⁵⁷ *Ib.*, p. 38.

⁵⁸ *Ib.*, p. 37.

⁵⁹ *Ib.*, p. 294.

⁶⁰ *Ib.*, p. 89.

outro homem completamente diferente.»⁶¹ E o que é certo para Raul Brandão é que no meio do lodaçal do mundo «um momento só que seja obriga-nos a olhar para o alto e até ao fim ficamos com os olhos estonteados. Eu creio em Deus»⁶², confessa ele já na parte derradeira de *Húmus*. Depois, escrevia a Teixeira de Pascoaes, poucos dias antes de morrer, fazendo a sua confissão íntima, última e suprema: «só duas ideias me interessam - a ideia de Deus e a ideia da morte.»⁶³ É claro que esta sua crença em Deus não se pode entender num sentido de genuína fé, mas é mais a necessidade lógica da condição humana. A sua posição aparenta-se com o agnosticismo:

«Se Deus não existe... O pior de tudo é que eu digo e afirmo, - Deus não existe! - mas na realidade não sei se Deus existe ou não. Não há nada que o prove - ou que prove o contrário. O pior de tudo é que eu sinto uma sombra por trás de mim e não sei por que nome lhe hei-de chamar.»⁶⁴

«Eu quero crer! eu quero crer e não posso crer.»⁶⁵

De qualquer modo, o Deus que interessa a quem sofre não é um Deus carrasco: «O Deus monstruoso reclama sempre mais vítimas», «Só o Deus-dor, feito de velho granito, o Deus inalterável enterra as patas monstruosas no húmus e continua a exigir mais vítimas...»⁶⁶, não é um Deus objecto da culpa, não é um Deus justiceiro, como esclarece no pequeno capítulo intitulado «Deus», no *Húmus*. Não é, enfim, o Deus anunciado de Roma, tal como já o havia dito Sampaio Bruno, que também verificou que até a palavra Roma é a palavra Amor lida ao contrário. Diz a propósito Raul Brandão: «Roma é uma ruína a juntar a outra ruína. Do Vaticano nem os ossos ficam: só o insaciável Coliseu continua de boca aberta a reclamar mais vítimas.»⁶⁷ Não lhe interessa também «Um Deus-força», um Deus que não se comova com os seus gritos nem com as suas súplicas⁶⁸. O Deus de que os sofredores precisam é de um Deus misericordioso. O Deus que ele, como homem, carece é, nas suas próprias palavras,

«um Deus que me atenda, que me escute, que saiba que sofro e que me veja sofrer. Preciso de um Deus que me salve ou que me salve ou que me condene.

⁶¹ *Ib.*, p. 90. Mais adiante, em *Húmus* (pp. 114-115), o problema, na linha de Kierkegaard, é melhor explicitado: «Deus existe - ou Deus não existe. Se Deus existe, se tenho a certeza que Deus existe e se interessa pela minha dor, esta vida transitória é um único minuto com a eternidade à minha espera. Tudo me parece fácil. [...] Sem crer não sou nada - sem crer não existo - sem crer não compreendo a vida. Preciso de caminhar para o destino. [...] Tenho necessidade de Deus, como do ar que respiro. Sem ele a vida é desconexa e atroz; pior, é monstruosa. [...] Eu vejo Deus, eu sinto Deus.

Mas se Deus não existe - se Deus não existe que me fica no mundo? Sou nada no infinito. [...] Sou o acaso na mistificação. Sou menos que nada no monstruoso impulso. Se Deus não existe tanto faz gritar como não gritar. Não tenho destino a cumprir: saio do nada para o nada.»

⁶² *Ib.*, p. 297.

⁶³ Raul Brandão-Teixeira de Pascoaes. *Correspondência*, Quetzal, Lisboa, 1994, p. 240.

⁶⁴ *Ib.*, p. 111.

⁶⁵ *Ib.*, p. 112.

⁶⁶ *A Morte do Palhaço*, pp. 270 e 271.

⁶⁷ *Húmus*, p. 311.

⁶⁸ Cf. *Ib.*, p. 181.

Preciso de um Deus que me ampare. Preciso de uma inteligência superior à minha e em comunicação com a minha.»⁶⁹

Em conclusão, o nosso filósofo do sofrimento, apesar de tudo, não é o cultor do dolorismo inconsequente. Nem mesmo depois de uma leitura atenta daquele texto apocalíptico do capítulo com que termina a primeira edição do *Húmus*⁷⁰. A porta fica entreaberta. O horizonte dá esperança. «A presença do sagrado - no dizer de Vergílio Ferreira -, a obsessão do mistério, é a atmosfera envolvente de toda a obra de Raul Brandão.»⁷¹ Na linha de André Malraux, também Raul Brandão poderia dizer que o próximo século será religioso ou não será. No sentido dos Cavaleiros do Amor de Sampaio Bruno, também Raul Brandão, na *Morte do Palhaço*, deixou inscrita a esperança de que «singulares criaturas devem nascer por este fim de século, em que a metafísica predomina.»⁷² E em *Vale de Josafat: Memórias*, no capítulo «Balanço à Vida», numa espécie de conclusão definitiva, deixou firmado: «Ou a vida é um acto religioso - ou um acto estúpido e inútil.»

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor Wiesengrund, *Minima Moralia. Réflexions sur la vie mutilée*, Payot, Paris, 1991.

BRANDÃO, Raul:

- *Os Pobres*, Empresa da História de Portugal, Lisboa, 1906.
- *Húmus*, «Renascença Portuguesa», Porto, 1917.
- *Memórias*, vol. II, 2ª ed., Bertrand, Lisboa, 1925.
- *A Morte do Palhaço e o Mistério da árvore*, «Seara Nova», Lisboa, 1926.
- *Vale de Josafat. Memórias*, vol. III, «Seara Nova», Lisboa, 1933.
- *Raul Brandão-Teixeira de Pascoaes. Correspondência*, Recolha, transcrição, actualização do texto, introdução e notas de António Mateus Vilhena e Maria Emília Marques Mano, Quetzal, Lisboa, 1994.

BRUNO, Sampaio, *A Ideia de Deus*, Livraria Chardron, Porto, 1902.

⁶⁹ *Ib.* Em termos de filosofia da religião, vemos aqui sobressair o "instinto" religioso, que tem subjacente a dimensão da Alteridade, com alguma relação com o pensamento filosófico de E. Lévinas.

⁷⁰ No último capítulo de *Húmus*, intitulado «Vêm aí os desgraçados...», Raul Brandão, tentando sondar o porvir, perspectiva uma visão apocalíptica dos tempos vindouros - que, esperamos, não se tornem realidade -, marcados pelo horror, pela desgraça, pela fome, pelo egoísmo, pela dor, pelos gritos... dos «pobres», dos «desgraçados», em que «Liberdade, igualdade, fraternidade, questão social, tudo é varrido como lixo» (p.324). Mas na morte resta a esperança. A morte a todos igualiza: «Estamos aqui todos à espera da morte! estamos aqui todos à espera da morte!» - é a frase com que termina o *Húmus*. Tema, aliás, com que também abre a sua obra.

⁷¹ Vergílio Ferreira, *Art. cit.*, p. 712.

⁷² *A Morte do Palhaço*, p. 239. Onde também acrescenta: «A necessidade do desconhecido de novo se estabelece. A ciência, que por vezes arrastara a humanidade, que a supunha capaz de ir até ao fim - bateu num grande muro e parou».

FERREIRA, Vergílio, «No Limiar de um Mundo, Raul Brandão», in *O Tempo e o Modo*, Lisboa, 54/55(1967), pp. 701-729.

LOURENÇO, Eduardo, *O Labirinto da Saudade. Psicanálise Mítica do Destino Português*, 2^a ed., Dom Quixote, Lisboa, 1982.

MACHADO, Álvaro Manuel, *Raul Brandão entre o Romantismo e o Modernismo*, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Lisboa, 1984.

TEIXEIRA, António Braz Teixeira, «O mal na filosofia portuguesa dos séculos XIX e XX», in *Id.*, *Deus, o Mal e a Saudade. Estudos sobre o Pensamento Português e Luso-Brasileiro Contemporâneo*, Fundação Lusíada, Lisboa, 1993.